



A GUERRA COMO CIÊNCIA

GUSTAVO BUTSCHKAU VIDAL

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O pensamento militar moderno é fruto de uma significativa mudança na forma de se pensar a guerra, por meio da qual se buscou compreender seus princípios fundamentais e sua dinâmica aparentemente caótica. Tal reestruturação filosófica foi possível graças à contribuição de importantes teóricos militares, incentivados, em sua maioria, pela grande revolução liberal do século XVIII.

Entretanto, tentativas de se prescrever condutas de combate já aconteciam desde o alvorecer do século XVI, ainda que de forma incipiente. Naquele tempo, Maquiavel rompeu radicalmente com o pensamento da era medieval, trazendo conceitos impactantes afetos à política, à guerra e à manutenção do poder.

Suas obras, dotadas de características didáticas peculiares, transmitiam as ideias do autor quase como um manual e a lógica utilizada propiciava aos eventuais leitores um espécie de guia, que os possibilitava alcançar seus próprios interesses: políticos ou bélicos.

A Arte da Guerra [...] é [...] muito semelhante a um moderno Regulamento de Operações, valorizado com a inclusão de várias [...] matérias militares: recrutamento, fortificação, arte de comandar, medidas de [...] segurança, treino de tropas, e, acima de tudo, regime disciplinar e gestão do moral. (MARTELO, 2009, p. 14)

Por meio de suas obras, Maquiavel introduziu diversos conceitos e atributos que, de fato, ofenderam a tradicional moral cristã da Idade Média. Contudo, há que se reconhecer que foi inaugurada, assim, uma nova maneira de pensar. No que se refere particularmente à ciência da guerra, pode-se considerar que sua maior contribuição esteja contida em sua obra “*A Arte da Guerra*”, na qual teceu considerações a respeito de recrutamento, formações de marcha, formações de batalha, e outros.

Essas coisas com diligência e exercício se ensinam rapidamente e rapidamente se aprendem, e, aprendidas, com dificuldade são esquecidos, [...] e com o tempo uma província [...] torna-se absolutamente adestrada para a guerra. (MAQUIAVEL, 2007, n.p.)

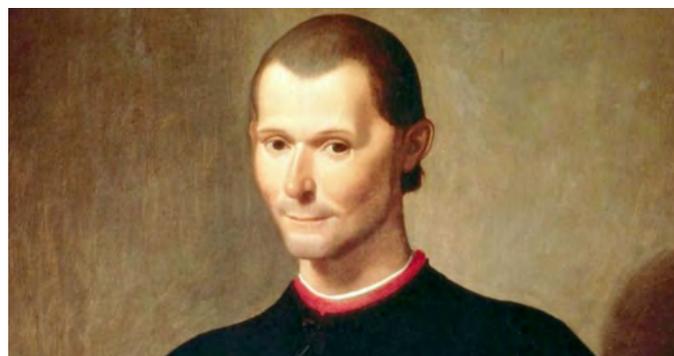


Figura 1: Retrato de Nicolau Maquiavel

Fonte: <<http://herbertgaleno.blogspot.com/2018/09/questoes-de-filosofia-sobre-nicolau.html>>

2. A GUERRA COMO CIÊNCIA

A forma de pensar a guerra como ciência ganhou importância, principalmente, em função de uma mudança de mentalidade. Os novos tempos inaugurados pela Revolução Francesa e pela avalanche militar que varreu a Europa no início do século XIX – *La Grande Armée*, liderado por Napoleão Bonaparte –, passaram a valorizar, cada vez mais, a técnica, a habilidade e o mérito individual, em detrimento do mero status de nobreza. Intensificava-se a busca por princípios gerais e conceitos, simples, que pudessem ser facilmente aprendidos e que aumentassem as probabilidades de vitória nos campos de batalha.

[...] tinham-se criado condições que tornavam indispensável uma sólida formação dos chefes militares, o que explica a enorme aceitação da transformação da Arte da Guerra em algo de semelhante a uma ciência, necessariamente baseada em princípios, que se ensinava em Academias. (MARTELO, 2009, p. 21)

Fruto das ideias liberais e da ebulição revolucionária francesas, que marcaram o final do século XVIII, surgiram diversos teóricos militares, dentre os quais merecem destaque Napoleão Bonaparte, Carl von Clausewitz – os mais conhecidos, inclusive por aqueles que não estudaram a fundo a guerra, a estratégia e as questões militares –, e Antoine-Henri Jomini que, embora seja mais “familiar para os especialistas militares” (SHY, 2001, p.185), contribuiu significativamente para o avanço dos estudos nessa área.



Figura 2: Retratos de Napoleão, Clausewitz e Jomini (respectivamente).
 Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3o_no_colete; https://en.wikipedia.org/wiki/Carl_von_Clausewitz; https://www.wikidata.org/wiki/Q115652#/media/File:Jomini_Antoine-Henri.jpg. (Respectivamente. Montagem do autor)

Entretanto, por mais que o processo de “cientificação” da guerra tenha se intensificado após a difusão de suas ideias, esses gênios militares buscaram referência e inspiração em outras personalidades que os antecederam.

Henry Lloyd – general galês que lutou na Guerra dos Sete Anos –, por exemplo, foi um dos teóricos que inspiraram Jomini, após suas memórias militares (*Military Memoirs*, 1781) terem sido consumidas pelo impetuoso jovem suíço.

Lloyd proporcionou tanto o modelo como o desafio para seus esforços em reduzir o mundo fantástico da guerra [...] a alguma espécie de ordem intelectual. A arte da guerra se fundamenta em “princípios certos e fixos que, por sua própria natureza, não variam...” As palavras são de Lloyd, mas foram repetidas à exaustão por Jomini e seus discípulos. (SHY, 2001, p. 191).

Por outro lado, Gerhard Von Scharnhorst – veterano de guerra renomado e escritor de assuntos militares –, desempenhou papel importantíssimo na formação de Clausewitz. De acordo com Paret (2001), Scharnhorst foi um dos primeiros a reconhecer e analisar a interdependência entre a inovação militar e as alterações político-sociais. Chefiando uma comissão que reorganizaria o exército prussiano, ele propôs medidas que não somente transformariam o exército, mas também afetariam a sociedade e a economia do país.

[...] Clausewitz passou a ser o chefe de gabinete de Scharnhorst, posição que o colocou no centro do movimento reformista. [...] A variedade das tarefas que realizou nesses anos deu a Clausewitz a oportunidade de conhecer os problemas intelectuais, técnicos, organizacionais e políticos da reconstrução de um exército quase a partir do zero. (PARET, 2001, p. 243-244)

As diferentes origens, influências e trajetórias pessoais desses jovens estrategistas suscitaram abordagens

igualmente distintas, na forma de propor uma teoria para a arte da guerra.

Jomini, autor do *“Précis de l’Art de la Guerre”* (1838), priorizava simplicidade e didática, e esse foi o rumo que tomou quando decidiu contribuir com a ciência da guerra. Conforme destaca Martelo (2009), ele acreditava, convictamente, que era possível reduzir as operações de guerra a alguns princípios simples e incontestáveis.

As máximas [...] derivadas desses princípios [...] se, às vezes, [...] se encontrarem modificadas de acordo com as circunstâncias, [...] podem, mesmo assim, servirem [...] como uma bússola [...] na tarefa, difícil e complicada, de conduzir grandes operações em meio ao barulho e tumulto dos combates; [...] (JOMINI, n.p.)

Clausewitz, autor de *“Vom Kriege”* (1832), por outro lado, procurou compreender o mister da guerra e suas complexidades ao invés de eliminá-las (COCROFT, 2007). Por essa razão, procurava abordar com maior profundidade fatores sociais, políticos, psicológicos, econômicos e outros. Paret depreende dos escritos do teórico prussiano, que:

A teoria jamais deve levar a um entendimento completo, o qual é uma impossibilidade, mas pode fortalecer e refinar o julgamento. Não é função primordial da teoria gerar doutrina, regras ou leis para a ação. [...] A teoria deve ser abrangente, isto é, [...] deve ser suficientemente flexível e aberta para levar em conta os imponderáveis e ter o potencial para futuros desenvolvimentos. (PARET, 2001, p. 244-245)

As diferenças entre as propostas dos dois autores também são destacadas por Martelo (2009, p. 23) em seu Estudo Introdutório:

[...] É indiscutível que estamos perante duas sensibilidades diferentes no modo de encarar o fenômeno da guerra: um, Jomini, a tentar simplificar; outro, Clausewitz, a insistir na complexidade e na incerteza da guerra, considerando que a teoria é apenas uma forma de iluminar essa complexidade, mas não podendo servir para preservar formas de ação. [sic]

“Percebe-se que Jomini e Clausewitz procuraram atingir objetivos similares, porém distintos – embora ambos tenham estabelecido a guerra como assunto central de seus escritos” (VIDAL, 2019, p. 25). Contudo, apesar de divergirem enfaticamente em diversas questões teóricas e metodológicas, uma análise cuidadosa de suas obras frequentemente revela pontos convergentes: seja a abordagem de questões políticas, seja reconhecendo a importância de se preservar e estimular a moral das tropas envolvidas em combate – para citar dois exemplos.

É interessante notar que, em virtude de sua complexidade inata, a guerra também impactou outras áreas do conhecimento, e não somente aquelas que possuíam relação direta com o combate. Adam Smith, filósofo e economista britânico do século XVIII, em sua obra “*A Riqueza das Nações*”, explicitou a relação íntima entre a guerra, a economia e a própria política.

Para o economista, a arte bélica tornou-se uma das mais complexas a ser dominada, em virtude de seu progressivo aperfeiçoamento. Por isso, “para levar a arte bélica a esse grau de perfeição, é necessário que ela se torne a ocupação exclusiva ou principal de determinada classe de cidadãos” (SMITH, 1996, p. 178). Essa ideia contrastava com a concepção que se tinha nas antigas repúblicas da Grécia, onde “a profissão de soldado não constituía uma ocupação separada e distinta, que representasse a única ou a ocupação principal de uma categoria específica de cidadãos” (SMITH, 1996, p. 177).

Ao propor ao Estado determinadas práticas para otimizar a organização e a manutenção de um exército em termos financeiros, Adam Smith apresentou ao mundo a mais pura Arte da Guerra por seu viés econômico, cuja apreciação é indispensável para a conquista, manutenção e consolidação da soberania nacional.



Figura 3: Retrato de Adam Smith
Fonte: <<https://mises.pl/blog/2006/02/10/mit-adama-smitha/>>

3. A TRINDADE PARADOXAL

Clausewitz, em sua obra mais emblemática, explorou a relação entre o governo, o povo e as Forças Armadas, sublinhando a importância do que denominou “Trindade Paradoxal”:

Como um fenômeno total, as suas tendências predominantes sempre tornam a guerra uma trindade paradoxal [...] O primeiro destes três aspectos diz respeito princi-

palmente às pessoas; o segundo ao comandante e ao seu exército; o terceiro ao governo. [...] A nossa tarefa é, portanto, elaborar uma teoria que mantenha um equilíbrio entre estas três tendências, como um objeto suspenso entre três ímãs. (CLAUSEWITZ, 1984, p. 92-93, grifo nosso)

De acordo com New (1996), o registro dos êxitos militares dos Estados Unidos, neste século, indica que Clausewitz estava certo. Ele credita o sucesso no uso do instrumento militar à forte relação entre os graduados militares com o governo do país. Acrescenta, ainda, que a força dessa relação depende da capacidade de comunicação do chefe militar e da capacidade do estadista de alcançar a conexão intrínseca que há entre a natureza da guerra, seu propósito e sua condução.

Para que a guerra esteja em total harmonia com os propósitos políticos, e para que a política seja adequada aos meios existentes para a guerra, a menos que o político e o soldado sejam a mesma pessoa, a única medida sensata é tornar o Comandante-em-Chefe um membro do gabinete [...] (CLAUSEWITZ, 1984, p. 721)

Assim, torna-se essencial que o chefe de Estado conheça o conceito “Trindade Paradoxal” e suas peculiaridades, atuando no sentido de viabilizar e respeitar a relação existente entre a política, as Forças Armadas e a sociedade.

4. PALAVRAS FINAIS

Percebe-se, claramente, um processo de gradativa evolução na teoria da guerra ao longo dos séculos. Cada teórico, em seu tempo e à sua maneira, prestou significativa contribuição e incorporou novos conceitos a essa ciência. Assim, propiciou-se que a “Arte da Guerra” evoluísse a ponto de romper seus próprios limites, projetando-se sobre outras áreas do conhecimento.

A relação íntima observada entre o governo, os chefes militares e a sociedade sinaliza para a importância de se estabelecer um canal aberto de reciprocidade entre esses três elementos, a fim de que se atinjam, em situações de conflito, os objetivos políticos do Estado.

Finalmente, é lícito reconhecer que a teoria militar atual possui uma dívida eterna para com os grandes estrategistas do passado. Num tempo em que a arte da guerra não passava de um conceito abstrato, souberam reconhecer, na essência, seu caráter científico. Esforços não foram poupados na escrutinação de princípios e dinâmicas de guerra que, surpreendentemente, podem ser aplicados e testemunhados em pleno século XXI.



O AUTOR É O 1º TEN BUTSCHKAU, DA ARMA DE ARTILHARIA, DA TURMA DE 2013 DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. FOI INSTRUTOR DO CURSO DE ARTILHARIA DA AMAN NO PERÍODO DE 2016 A 2017. ATUALMENTE, É INSTRUTOR DO SIMULADOR DE APOIO DE FOGO DA AMAN, FUNÇÃO QUE DESEMPENHA DESDE 2018.

REFERÊNCIAS

- CLAUSEWITZ, Carl von. Da guerra. Tradução para o inglês de Michael Howard e Peter Paret. Tradução do inglês para o português de Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. [S.l.; s.n.], 1984.
- COCROFT, Horace E. Introduction. In: JOMINI, Antoine Henri de. The Art of war. Tradução do francês para o inglês por G. H. Mendell e W. P. Craighill. Rockville: Arc Manor Publishers, 2007.
- JOMINI, Antoine-Henri. The present theory of war and its utility. Preface to Jomini's Summary of the Art of War. Disponível em: <<https://www.clausewitz.com/readings/Jomini/JOMINESS.htm>>. Acesso em 22 de março de 2019.
- MAQUIAVEL, Nicolau. A Arte da guerra. Tradução e notas de Eugênio Vinci de Moraes. 2007. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-a-arte-da-guerra-maquiavel-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em 17 de janeiro de 2018.
- MARTELO, David. Estudo introdutório. In: JOMINI, Antoine-Henri. Compêndio da arte da guerra. Tradução de David Martelo. 1. ed. Granja: Edições Sílabo, 2009.
- NEW, Larry D. Clausewitz's theory: On war and its application today. Air & Space Power Journal. Vol. 10, No. 3. Alabama: Air University, 1996. Disponível em: <<https://www.questia.com/library/journal/1P3-10932239/clausewitz-s-theory-on-war-and-its-application-today>>. Acesso em 13 de agosto de 2019.
- PARET, Peter. Clausewitz. In:___ (Coord.). Construtores da estratégia moderna. Tomo 1. 1. ed. cap. 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. p. 235-269.
- SHY, John. Jomini. In: PARET, Peter (Coord.). Construtores da estratégia moderna. Tomo 1. 1. ed. cap. 6. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. p. 185-234.
- SMITH, Adam. Os Gastos do soberano ou do estado – parte primeira – os gastos com a defesa. In:___ A Riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. Tradução de Luiz João Baraúna. Vol 2. Livro quinto. cap. 1. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1996. p. 173-187.
- VIDAL, Gustavo B. Jomini sob nova perspectiva: uma análise sobre a relevância e presença da teoria militar jominiana nos manuais de campanha do Exército Brasileiro. Niterói: Instituto de Estudos Estratégicos, 2019.